

r e v  
t a c  
i t e  
t u  
o u  
t r a  
s s

# “Venha o autor do canto”: comentários sobre o prefácio do *Euangeliorum libri quattuor* de Juvenco

“Come, be the author of this poem”:  
commentary on the preface of  
Juvencus’ *Euangeliorum libri quattuor*

Jéssica Frutuoso Mello  
UFJF  
Charlene Martins Miotti  
UFJF

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2020.e73351>

## Resumo

No século IV EC, Juvenco, um sacerdote hispano, foi responsável por inaugurar a tradição das chamadas epopeias bíblicas com sua única obra sobrevivente – os *Euangeliorum libri quattuor* –, que é dedicada a narrar a vida de Cristo em hexâmetros datílicos. Diante da novidade, o poeta utiliza o prefácio para localizar seu trabalho em relação aos poetas anteriores, justificando sua empreitada e delineando suas escolhas para a construção do texto. Abordando as informações apresentadas e a maneira como isso é feito, propõe-se uma análise dessa porção do poema, de modo a demonstrar como o autor realiza esse processo ao empregar temas comuns da poesia anterior ao mesmo tempo que rivaliza com ela. Observa-se, como exemplo, a programática invocação às musas ser substituída por um apelo ao Espírito Santo, e as tradicionais fontes fluviais gregas das quais fluem inspiração, pelo rio Jordão.

Palavras-chave: Juvenco; *Euangeliorum libri quattuor*; epopeia; épica bíblica; poesia cristã

## Abstract

In the fourth century CE, Juvenicus, a Spaniard priest, was responsible for inaugurating the tradition of the so-called biblical epics with his only surviving work – the *Euangeliorum libri quattuor* – which is dedicated to narrating Christ's life in dactylic hexameters. Given this novelty, the poet uses the preface to situate his work in relation to previous poets, justifying his endeavor and summarizing his choices for the text construction. Addressing the information presented and the way it is done, we propose an analysis of this portion of his poem in order to demonstrate how the author pursues this process using common themes of previous poetry at the same time that he rivals with it. It is observed, as an example, that the programmatic invocation to the Muses is replaced by an appeal to the Holy Spirit, and the traditional Greek springs from which inspiration flows, by the Jordan River.

Keywords: Juvenicus; *Euangeliorum libri quattuor*; epic; Biblical epic; early Christian poetry

Pouco se sabe a respeito da vida de Juvenco (séc. IV EC), autor de *Os quatro livros dos evangelhos*<sup>1</sup> (*Evangeliorum libri quattuor*), única de suas obras sobrevivente, um poema em quatro cantos dedicado a narrar a vida de Jesus partindo do anúncio do nascimento de João Batista até a mensagem para que os apóstolos divulguem o evangelho<sup>2</sup>. A tradição dos manuscritos de seu texto aponta seu nome completo, Caio Vétio Aquilino Juvenco (*Gaius Vettius Aquilinus Iuuenicus*), e as demais informações são legadas por Jerônimo<sup>3</sup> e pelo próprio autor em seu poema<sup>4</sup>, conforme se verá adiante.

Jerônimo faz menção ao poeta em quatro obras diferentes<sup>5</sup>. Em *Crônica* (*Chronicon*), compilado de eventos históricos listados em ordem cronológica que compreende a tradução parcial do texto de Eusébio e informações adicionais providas pelo tradutor, Jerônimo insere Juvenco no ano de 329: “Juvenco, sacerdote de origem hispana, relata o evangelho em versos heroicos”<sup>6</sup>. Em seu *Dos homens ilustres* (*De uiris illustribus*), lista de biografias de cento e trinta e cinco autores cristãos, a de Juvenco é a octogésima quarta, onde se lê:

Juvenco, sacerdote hispano de família nobilíssima, compôs quatro livros em versos hexâmetros que traduzem quase literalmente os quatro evangelhos, e outros, no mesmo metro, pertinentes à lei dos sacramentos. Floresceu sob o imperador Constantino<sup>7</sup>.

---

1 As traduções das citações das obras de Juvenco, Jerônimo e Lactâncio são de nossa responsabilidade, assim como aquelas feitas a partir dos estudos realizados em línguas vernáculas. O texto fonte utilizado para a tradução de Juvenco é o proposto por Eduardo Ottero Pereira (OTERO PEREIRA, Eduardo. *C. Vetti Aquilini Iuuenici Evangeliorum Libri Quattuor*, 2009). As traduções realizadas dão ênfase ao sentido do texto, ainda que, em obras poéticas, tenha se buscado manter, sempre que possível, uma divisão que transponha aquela original dos versos. As indicações de autoria das traduções dos demais textos gregos e latinos constam nas referências bibliográficas.

2 OTERO PEREIRA, Eduardo. *C. Vetti Aquilini Iuuenici Evangeliorum Libri Quattuor*, 2009, p. X.

3 Conforme aponta Miguel Castillo Bejarano, um dos tradutores da obra de Juvenco para o espanhol, biografias do autor aparecem posteriormente, como em Pedro Crinito, mas essas teriam como base as informações legadas por Jerônimo. Cabe destacar que o tradutor também comenta a influência deixada pela obra de Juvenco durante a Antiguidade Tardia, a Idade Média e o Renascimento, sendo, por exemplo, posto como modelo por Isidoro e citado por Petrarca. CASTILLO BEJARANO, Miguel. “Introdução e notas”, 1998.

4 GREEN, Roger P. H. “Juvenicus”, 2006, p. 2-3.

5 *Ibidem*, p. 1-3.

6 *Iuuenicus presbyter natione Hispanus euangelia heroica uersibus explicat.* (HIERONYMUS. *Chronicon*, a.329; 1923). Seguindo o modelo de Eusébio, Jerônimo lista os acontecimentos de acordo com os anos de governo de cada rei ou imperador e, com o início das Olimpíadas, também a partir de seu número. Juvenco está inserido no vigésimo terceiro ano do reinado de Constantino e no intervalo da 276ª Olimpíada.

7 *Iuuenicus, nobilissimi generis, Hispanus presbyter, quattuor euangelia hexametris uersibus paene ad uerbum transferens, quattuor libros composuit, et nonnulla eodem metro ad sacramentorum ordinem pertinentia. Floruit sub Constantino principe* (HIERONYMUS. “*De uiris illustribus*”, 84; 1883).

O nome do poeta aparece também em uma carta endereçada a Magno, um orador, em que justifica a prática de citações de autores profanos, apontando-a em outros cristãos: “Juvenco, sacerdote sob Constantino, relatou a história do senhor salvador em versos e não receou introduzir a majestade do evangelho nas leis do metro”<sup>8</sup>. Por fim, um dos versos do autor é citado em tons elogiosos, no *Comentário ao Evangelho de Mateus* (*Commentariorum in Euangelium Matthaei*):

“E, abertos seus tesouros, deram a ele presentes: ouro, incenso e mirra”. Em um belíssimo verso pequeno, o sacerdote Juvenco exprimiu os mistérios dos presentes: “trazem oferendas / incenso, ouro, mirra ao rei, ao homem e a Deus”<sup>9</sup>.

Esses trechos permitem que se conheçam tanto informações biográficas como de recepção de Juvenco; tem-se dimensão de sua datação, seu local de origem, sua família respeitável, sua ocupação e sua obra. Jerônimo aponta que Juvenco teria escrito mais de um texto, sendo um poema com quatro cantos – *Os quatro livros dos evangelhos* – e outros que tratariam dos sacramentos; porém, quanto a estes, nada se sabe além dessa referência<sup>10</sup>. Ainda que sejam breves, as menções ao autor demonstram a relevância de seu trabalho aos olhos de Jerônimo, que não só o elenca em obras de certo caráter catalográfico, mas também o coloca como modelo, principalmente na carta, já que, em um contexto no qual interessaria ao remetente que fossem citados nomes importantes para amparar a própria prática, destaca a audácia do poeta ao redigir seu poema a partir dos evangelhos. A recorrência do nome de Juvenco e a maneira como é apresentado fazem sentido quando se pondera que o autor teria sido o responsável pela primeira epopeia cristã, a qual influenciará a prática de poetas posteriores.

A datação atribuída a Juvenco por Jerônimo é corroborada em parte pelo próprio poeta. Embora não se possa precisar o ano em que a obra teria sido escrita<sup>11</sup>, os onze versos finais de seu poema são dedicados a Constantino:

---

8 *Iuencus presbyter sub Constantino historiam domini saluatoris uersibus explicauit nec pertimuit euangelii maiestatem sub metri leges mittere* (Ibidem, *Epistulae*, 70.5.20-2; 1910).

9 *Et apertis thesauris suis, obtulerunt ei munera, aurum, thus, et myrrham*. *Pulcherrime munerum sacramenta Iuencus presbyter uno uersiculo comprehendit: “Thus, aurum, myrrham, regique, hominique, Deoque / Dona ferunt.* (HIERONYMUS. *Commentariorum in Euangelium Matthaei Libri Quattor*”, 1.2.11; 1883).

10 GREEN, Roger P. H. “Juvencus”, 2006, p. 2.

11 Como observa Roger Green, estudiosos aventaram diferentes possibilidades de datação a partir das escolhas vocabulares de Juvenco para caracterizar Constantino, como a utilização de *terrae regnator apertae* que poderia ser um indicativo de que o poema teria sido escrito após 332, quando o imperador derrotara os visigodos, entretanto, também poderia se referir ao ano de 324, em que vencera a batalha de Crisópolis (Ibidem, p. 4-5). Desse modo, as informações oferecidas no texto não são suficientes para que se possa encerrar essa questão.

Meu espírito tomou estas forças da fé e do sagrado temor, / e a graça de Cristo me ilumina a tal ponto / que, em nossos versos, a glória da lei divina, / de bom grado, recebesse os ornamentos terrenos da língua. / Isto a paz de Cristo me concedeu, isto é para mim a paz do século, / a qual o benévolo soberano da terra livre, / Constantino, favorece, a quem, merecedor, o digno reconhecimento auxilia; / o único dos reis que receia / a gravidade de um nome sagrado que lhe é dado, com o que, por seus / atos, com justiça, é o mais digno / de alcançar a vida eterna nos séculos divinos / por meio do senhor da luz, Cristo, que reina pelos séculos<sup>12</sup>.

A referência a um benfeitor, seja ou não o imperador, é lugar comum na literatura latina, e Juvenco o faz apresentando Constantino em tons elogiosos, como portador de qualidades suficientes para que sua alma fosse salva. Isso faz sentido quando se considera que, anteriormente, Diocleciano havia perseguido os cristãos, situação que irá mudar com Constantino, o qual, com sua vitória em 312, passa a dividir o poder com Licínio, e, junto a ele, confirma, em 313, o édito, promulgado em 311 por Augusto Galário, que tornava o Cristianismo *religio licita*. A partir de 324, quando Constantino se torna governante único, a religião, com a sua simpatia, inicia uma nova era<sup>13</sup>, coroada com a conversão do imperador em seu leito de morte em 337<sup>14</sup>. De todo modo, o tema da eternidade junto a Cristo é um ponto que será abordado em outra passagem do texto, assim, cabe ressaltar, aqui, a forma como, nos primeiros versos do trecho destacado, o poeta reconhece seu papel como uma graça recebida do divino, o que é mais detalhado no prefácio, como será visto adiante.

O título de sua obra é outro tema de debate. Opta-se, neste texto, por *Euangeliorum libri quattuor* porque esse parece ser mais comum em obras que tratam sobre o poema<sup>15</sup>. Ottero Pereira<sup>16</sup> afirma:

---

12 *Has mea mens fidei vires sanctique timoris / cepit et in tantum lucet mihi gratia Christi, / uersibus ut nostris diuinae gloria legis / ornamenta libens caperet terrestria linguae. / haec mihi pax Christi tribuit, pax haec mihi saeculi, / quam fouet indulgens terrae regnator aperta / Constantinus, adest cui gratia digna merenti, / qui solus regum sacri sibi nominis borret / imponi pondus, quo iustis dignior actis / aeternam capiat diuina in saecula uitam / per dominum lucis Christum, qui in saecula regnat.* (IUVENCO. “*Euangeliorum Libri Quattuor*”, 4.802-12; 2009).

13 CONSOLINO, Franca Ela. “O Baixo Império e o Cristianismo”, 2006, p. 1043.

14 BEARD, Mary. *SPQR*, 2017, p. 520.

15 Como exemplo, pode-se citar a tradução de Scott McGill, de 2016, para o inglês, da qual se afirma ter sido a primeira para essa língua, que adota *Euangeliorum Libri Quattuor* (IUVENCUS. *Juvenius' Four Books of the Gospels*, 2016). Ottero Pereira também o faz, ainda que, ao longo de seu texto, *Euangeliorum Libri*, sem a presença do numeral seja mais comum (OTERO PEREIRA, Eduardo. *C. Vetti Aquilini Iuueni Euangeliorum Libri Quattuor*, 2009). Cabe apontar que os outros títulos listados também aparecem, como ocorre com a tradução espanhola publicada pela editora Gredos e realizada por Castillo Bejarano, que se intitula *História Evangélica* (IUVENCO. *História Evangélica*, 1998).

16 OTERO PEREIRA, Eduardo. *C. Vetti Aquilini Iuueni Euangeliorum Libri Quattuor*, 2009, p. X.

Não há acordo entre os manuscritos quanto ao título do poema de Juvenco. Muitos deles nomeiam apenas o autor, enquanto outros transmitem títulos como *Euangelia quattuor uersibus* ou *hexametris uersibus*, *Euangelii uersi*, *Conscriptum rhetorice euangelium*, *Libri quattuor euangeliorum*, etc. Aldo Manuzio o intitula *Historia euangelica*<sup>17</sup> em sua edição de 1502, denominação que perdura em sucessivas edições. Marold e Huemer, em suas edições, chamam a obra de *Euangeliorum libri* [...]<sup>18</sup>.

Normalmente, a obra de Juvenco é apresentada em três partes, sendo um breve poema inicial, o prefácio e a maior porção, dividida em quatro cantos, nos quais se narra a vida de Cristo. O poemeto de abertura, composto por oito hexâmetros, é dedicado a caracterizar os quatro evangelistas:

Mateus instituiu os preceitos para o caminho das virtudes / e ofereceu as leis do viver prosperamente em justa ordem. / Marcos ama voar entre as terras e o céu / e, impetuosa águia, corta tudo em rápido voo. / Lucas descreve com mais detalhes as batalhas de Cristo, / [Lucas,] vitelo sagrado, com razão, porque relata os deveres antigos. / João rosna com boca de leão, entoa, semelhante ao que rugir, / revelando os mistérios da vida eterna<sup>19</sup>.

Estes versos não aparecem em toda a tradição dos manuscritos do texto de Juvenco, o que fez com que se dividissem as opiniões acerca de sua autoria. Zacarias de Besançon<sup>20</sup> os atribui a Juvenco em seu *Um dos quatro ou Sobre a harmonia dos evangelistas (Unum ex quattuor, siue de concordia euangelistarum)*<sup>21</sup>, assim como o faz Faustino Arévalo em sua edição, enquanto Karl Marold e Johann Huemer a negam nas

---

17 Na ordem em que aparecem, os títulos podem ser traduzidos como: *Quatro evangelhos em versos* ou *em versos hexâmetros*, (*Versos*) *vertidos do evangelho*, *Compilado retórico dos evangelhos*, *Os quatro livros dos evangelhos e História Evangélica*.

18 “Los manuscritos no se ponen de acuerdo en el título del poema de Juvenco. Muchos de ellos nombran sólo al autor, mientras que otros transmiten títulos como *Euangelia quattuor uersibus* o *hexametris uersibus*, *Euangelii uersi*, *Conscriptum rhetorice euangelium*, *Libri quattuor euangeliorum*; etc. Aldo Manuzio lo titula *Historia euangelica* en su edición de 1502, denominación que perdura en ediciones sucesivas. Marold y Huemer llaman en sus ediciones a la obra *Euangeliorum libri*, [...]” (Ibidem, p. X).

19 *Matthaeus instituit uirtutum tramite mores / et bene uiuendi iusto dedit ordine leges. / Marcus amat terras inter caelumque uolare / et uehemens aquila stricto secat omnia lapsu. / Lucas uberius describit proelia Christi, / iure sacer uitulat qui munia fatur auita. / Iohannes fremit ore leo, similis rugienti / intonat aeternae pandens mysteria uitae.*

20 Em latim, *Zacharias Chrysopolitanus*. O autor teria escrito a obra citada entre os anos 1140 e 1145.

21 ZACHARIAS Chrysopolitanus. *In unum ex quatuor siue de concordia euangelistarum*, 1535, p. 2.

suas<sup>22</sup>. Segundo Ottero Pereira<sup>23</sup>, existem elementos que levam à negativa, como o fato de que, no poema de abertura, o nome de Mateus é um dissílabo, enquanto a prática de Juvenco, ao longo de sua epopeia, é a de redigi-lo como trissílabo<sup>24</sup>. Ademais, Green<sup>25</sup> afirma:

[...] esse trabalho muito provavelmente não pertence a Juvenco: há a representação dos evangelistas em uma ordem que pode não ser aquela que existia no tempo de Juvenco, e ele seria indiscutivelmente inadequado para uma obra em que os evangelhos estão misturados em porções muito desiguais<sup>26</sup>.

No que se refere ao prefácio propriamente dito, o poeta se dedica a explicitar suas intenções quanto ao que será lido em seguida. Se forem consideradas obras anteriores, as aberturas das epopeias contêm a apresentação do assunto a ser narrado e uma invocação a uma entidade de inspiração, comumente as Musas, mas também Apolo ou um benfeitor. Como se verá, os dois elementos estão presentes de algum modo no poema cristão, e Juvenco também utiliza a passagem para justificar sua empreitada e se posicionar em relação à tradição.

Veja-se o prefácio do autor, composto por pouco menos de trinta versos e acompanhado por nossa tradução:

Immortale nihil mundi compage tenetur.  
non orbis, non regna hominum, non aurea  
[Roma,  
non mare, non tellus, non ignea sidera  
[caeli,

---

22 OTERO PEREIRA, Eduardo. *C. Vetti Aquilini Iuveni Evangeliorum Libri Quattuor*, 2009, p. XVIII-XIX.

23 Ibidem, p. XXI.

24 Em sua edição, Ottero Pereira opta por não fazer a distinção de grafia, ainda que o estudioso aponte que ela exista em seu texto introdutório (Ibidem, p. XXI). Na edição de Marold, há a forma *Mattheus* para o poema introdutório e *Matthaeus* para a epopeia de Juvenco (JUVENCUS. *C. Vetti Aquilini Iuveni Libri Evangeliorum IIII*, 1886, p. 1; 32). Assim, se pode escandir o verso do poema da seguinte forma: *Matthēū|s instītū| ūt uir| tūtum| trāmītē| mōres*, enquanto, em Juvenco, há *cōnsēs| sū in mēdī| ō Ma| tth| ūm. | prōtīnūs| ērgo* (Ibidem, 2.96). A grafia como *Matthaeus* impediria que o primeiro verso fosse um hexâmetro pela inserção de três vogais longas no início: *Mātth| ūs| instītū| ūt uir| tūtum| trāmītē| mōres*.

25 GREEN, Roger P. H. "Juvencus", 2006, p. 15.

26 "[...] *this piece is almost certainly not the work of Juvencus: it presents the evangelists in an order that may not have been the current one in Juvencus' day, and would be arguably inappropriate to a work in which the gospels are mixed in very unequal proportions.*" (Ibidem, p. 15).

v i s  
d e l  
e r a  
r a  
t r a  
v e  
i a

nam statuit genitor rerum irreuocabile  
[tempus  
5 quo cunctum torrens rapiat flamma  
[ultima mundum.  
sed tamen innumeros homines sublimia  
[facta  
et uirtutis honos in tempora longa  
[frequentant,  
accumulant quorum famam laudesque  
[poetae.  
hos celsi cantus Smyrnae de fonte  
[fluentes,  
10 illos Minciadae celebrat dulcedo  
[Maronis.  
nec minor ipsorum discurrit gloria uatum,  
quae manet aeternae similis dum saecula  
[uolabunt  
et uertigo poli terras atque aequora circum  
aethera sidereum iusso moderamine  
[uoluet.  
15 quod si tam longam meruerunt carmina  
[famam  
quae ueterum gestis hominum  
[mendacia nectunt,  
nobis certa fides aeternae in saecula laudis  
immortale decus tribuet meritumque  
[rependet,  
nam mihi carmen erit Christi uitalia gesta  
20 diuinum populis falsi sine crimine  
[donum.  
nec metus ut mundi rapiant incendia  
[secum.  
hoc opus, hoc etenim forsitan me subtrahet  
[igni  
tunc, cum flammiuoma descendet nube  
[coruscans  
iudex, altithroni genitoris gloria, Christus.  
25 ergo, age! sanctificus adsit mihi



[carminis auctor  
spiritus et puro mentem riget amne  
[canentis  
dulcis Iordanis, ut Christo digna  
[loquamur. Nada imortal é conservado na  
estrutura do mundo.

Nem o orbe, nem os reinos dos homens, nem a áurea  
[Roma,  
nem o mar, nem a terra, nem as ígneas estrelas do  
[céu,  
pois o criador das coisas estabeleceu um tempo  
[irrevogável  
em que a última flama ardente arrebatará o mundo  
[inteiro.

Entretanto, os feitos sublimes e a glória da virtude  
solenizam, por longo tempo, inúmeros homens,  
cuja fama e honra crescem os poetas.

Os elevados cantos que fluem da fonte Esmirna  
[celebram uns;  
a doçura do mincíada Marão, outros.  
E, não menor, espalha-se a glória dos próprios  
[poetas,  
a qual permanece semelhante à eterna, enquanto os  
[séculos correrão,  
e o movimento do polo faça girar, conforme a lei  
[estabelecida,  
o céu estrelado ao redor das terras e dos mares.  
Mas, se os poemas que entrelaçam os feitos de

homens antigos com mentiras mereceram tão longa  
[fama,  
a fé, segura de um louvor eterno,  
concederá a mim glória imortal através dos séculos e  
[compensará a missão,  
já que meu poema, sem calúnia enganadora, terá os feitos da vida de Cristo, pre-

v i s  
d e l  
e r a  
r a  
t r a  
v e  
i a

sente divino aos povos.

E não (há) medo de que o incêndio do mundo  
[arrebate consigo  
esta obra, pois, esta, talvez, me subtrairá do fogo,  
quando descer, em uma nuvem que vomita chamas,  
[o luzente  
juiz, glória do pai assentado em alto trono, Cristo.  
Por isso, vamos! O espírito santo, autor do canto,  
[me auxilie  
e banhe a alma do cantor com a corrente pura  
do doce Jordão, para que narre (histórias) dignas de  
[Cristo.

As palavras iniciais de uma epopeia são significativas, pois, normalmente, já anunciam o motivo do canto. Em Homero, há, na *Iliada*, μῆνιν (ira) e, na *Odisseia*, ἄνδρα (homem), em Virgílio, *arma uirumque* (armas e varão), em Lucano, *bella* (guerras), em Valério Flaco, *prima* (primeiros)<sup>1</sup>, adjetivo que se liga aos mares abertos pela nau Argo. Em Juvenco, o canto é aberto por *immortale* (imortal), e, de fato, a imortalidade é um tema que o atravessa, tendo-se em mente que Jesus passa por um processo de ressurreição ao final do poema, ao mesmo tempo que é uma preocupação que o autor apresenta com a obra e sua própria alma. Contudo, o adjetivo que abre o canto se liga a uma negativa, que é reiterada seis vezes ao longo dos dois próximos versos<sup>2</sup> (1-3). Assim, o poeta inicia seu texto abordando a efemeridade do mundo, segundo os desígnios divinos (4-5). A essa efemeridade, se opõe, contudo, a longa fama de heróis e, por consequência, dos poetas que os cantam (6-12).

A lembrança duradoura dos que são cantados já aparece na *Iliada*, por exemplo, em uma fala de Helena<sup>3</sup>, e a imortalidade da obra e do cantor é tema recorrente na poesia. Horácio compõe uma ode famosa sobre esta temática<sup>4</sup>, e Ovídio fecha suas

27 Em Homero: Μῆνιν ἄειδε, θεὰ, Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος (HOMERO. *Iliada*, 1.1; 2010. “A ira, Deusa, celebra do Peleio Aquiles”) e Ἄνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα, πολύτροπον, ὃς μάλα πολλὰ / πλάγχθη, [...]” (Idem, *Odisseia*, 1.1-2; 2011. “O homem multiversátil, Musa, canta, as muitas / errâncias, [...]”). Em Virgílio: *Arma uirumque cano, Troiae qui primus ab oris / Italiam, [...]* (VIRGÍLIO. *Eneida*, 1.1-2. “As armas e o varão, canto, que, primeiro, das praias de Troia / à Itália,”). Em Lucano: *Bella per Emathios plus quam ciuilia campos* (LUCANO. *Farsália*, 1.1; 2011. “As guerras, sobre o Emátio chão, mais que civis,”). E em Valério Flaco: *Prima deum magnis canimus freta peruia natís* (FLACCUS, Valerius. *Argonauticon Libri Octo*, 1.1; 1913. “Os primeiros mares abertos por grandes filhos de deuses cantamos”).

28 CARRUBA, Robert W. “The Preface to Juvenecus’ Biblical epic: A Structural Study”. *The American Journal of Philology*, 1993, p. 306.

29 “[...] a quem Zeus fado sinistro impôs, para / que, ambos, sejamos tema dos vates vindouros.” (HOMERO. *Iliada*, 6.357-358; 2010); οἷσιν ἐπὶ Ζεὺς ἤθελε κακὸν μόνον, ὡς καὶ ὀπίσσω / ἀνθρώποισι πελώμεθ’ ἀοίδιμοι ἔσσομένοισι.”.

30 “Erigi monumento mais perene / do que o bronze e mais alto do que a real / construção das pirâmides, que nem / as chuvas erosivas, nem o forte / Aquilão, nem a série inumerável / dos anos, nem a dos tempos corrida / poderão, algum dia, derruir. / Não morrerei, de todo; parte minha / à própria morte não será sujeita: / eu, sempre jovem, crescerei, enquanto, / com virgem silenciosa, o Capitólio / suba o pontífice. [...]” (HORÁCIO. *Odes*, 3.30.1-12; 2003); *Exegi monumentum aere perennius / regalique situ pyramidum altius, / quod non imber edax, non aquilo impotens / possit diruere aut innumerabilis / annorum series et fuga temporum. / non omnis moriar multaue pars mei / uitabit Libitinam; usque ego postera / crescram laude recens, dum Capitolium / scandet cum tacita uirgine pontifex.* (HORACE. *Carmina*, 3.30.1-9; 1919).

*Metamorfoses* afirmando a permanência de sua obra e de seu nome<sup>5</sup>; todavia, enquanto os dois autores consideram a preservação do poder romano, o poeta cristão também o coloca como passageiro diante da vontade divina.

Ainda que se tenha uma dupla adversativa abrindo o verso – *sed tamen* –, percebe-se que a fama desfrutada por heróis e poetas não se opõe inteiramente ao que foi dito nos versos anteriores, já que resiste “por longo tempo” (*in tempora longa*) e é “semelhante à eterna” (*aeternae similis*), ou seja, não há imortalidade<sup>6</sup>. Em seguida, Juvenco fará uma crítica a seus antecessores (15-20). Pela construção, o autor não nega que os homens antigos tenham realizado grandes feitos, mas acusa a inserção de mentiras nos relatos e, rejeitando o processo compositivo ficcional, Juvenco oporá sua prática à dos poetas anteriores, já que sua proposta é narrar a verdade acerca da vida de Cristo, a qual garantirá a real imortalidade, ainda que o mundo venha a se extinguir (20-3). Embora se possa observar uma convicção em relação à permanência da obra, o mesmo não pode ser dito a respeito do poeta, já que se expressa uma dúvida em “talvez” (*forsan*), ao contrário do que ocorre no caso de Ovídio, por exemplo. Contudo, essa incerteza representa, ao mesmo tempo, uma esperança; a possível imortalidade do poeta não se dá somente por meio da lembrança de seu nome, mas também pela salvação de sua alma, outra consequência do valor de seu trabalho.

Dos vinte e seis versos, apenas no décimo sétimo, o poeta começa a falar de seu próprio poema, introduzindo, de fato, o tema de seu canto – a vida de Cristo –, momento em que se iniciam os contrastes com o que fora dito anteriormente. Juvenco se coloca em paralelo com Homero e Virgílio, já que assemelha a sua prática à deles: o ato poético é o mesmo – narrar os feitos de grandes homens –, mas a construção da narrativa difere. Se os poetas anteriores entrelaçam mentiras às suas histórias, ele narrará a verdade; se há longevidade para poetas e heróis, sua obra alcançará a real imortalidade de que nem Roma ou o próprio mundo dispõem. O poeta não nega a importância dos outros e de suas obras, mas os condena quanto à sua prática que se alia à mentira, se

---

31 “Concluí agora uma obra que jamais a ira de Júpiter ou o fogo / conseguirão apagar, ou o ferro, ou o passar do tempo voraz. / Quando quiser, que esse dia, que não tem poder algum senão / sobre o meu corpo, ponha termo ao meu incerto tempo de vida. / Porém, na minha melhor parte, serei levado imortal / para lá dos altos astros, e o meu nome será indestrutível. / E por onde, nas terras subjugadas, o poder Romano se espriar, / a boca dos povos ler-me-á, e por séculos sem fim, graças à fama / (se os vaticínios dos poetas alguma verdade contêm), viverei.” (OVÍDIO. *Metamorfoses*, 15.871-9, 2010); *Iamque opus exegi, quod nec Iovis ira nec ignis / nec poterit ferrum nec edax abolere vetustas. / Cum uolet, illa dies, quae nil nisi corporis huius / ius habet, incerti spatium mihi finiat aeni: / parte tamen meliore mei super alta perennis / astra ferar, nomenque erit indelebile nostrum, / quaque patet domitis Romana potentia terris, / ore legar populi, perque omnia saecula fama, / siquid habent veri uatum praesagia, uiuam.*

6 CARRUBA, Robert W. “The Preface to Juvencus’ Biblical epic: A Structural Study”. *The American Journal of Philology*, 1993, p. 308.

iguala a eles quando sua inspiração parte também de uma fonte, como se verá, e os supera ao atingir a imortalidade de sua obra.

Quanto a essa relação com a tradição que o poeta traça, é relevante considerar que Juvenco está inserido em um contexto no qual, segundo Marc Mastrangelo<sup>7</sup>, a poesia deixa de ter a mesma relevância cultural que desfrutara no passado, a qual é passada para a prosa em que se desenvolve a patrística. Esse processo pode ser observado nos escritos de Lactância<sup>8</sup> que, mesmo considerando a poesia como portadora de alguma verdade, a reputa inferior aos escritos filosóficos, e Agostinho<sup>9</sup> que tece duras críticas ao gênero épico<sup>10</sup>. Logo, faz-se necessária sua reabilitação por intermédio da inserção de temas cristãos:

A literatura pagã não poderia ensinar muito sobre como evitar o pecado; apenas as almas com conhecimento da história da salvação universal, apoiadas na fé ortodoxa, poderiam realizar essa tarefa. Os primeiros gêneros poéticos cristãos de épica bíblica, hinos e épica didática seguiram

---

32 MASTRANGELO, Marc. “The decline of poetry in the Fourth-Century West”. *International Journal of the Classical Tradition*, 2009, p. 313.

33 Marão, o primeiro de nossos [poetas], não esteve longe da verdade; [...] Mas basta sobre os poetas. Venhamos aos filósofos, cuja autoridade tem mais peso, e o juízo é mais seguro, porque se acredita terem se dedicado não às situações inventadas, mas à verdade que deve ser buscada. (LACTANTIUS. *Divinae Institutiones*, 1.5.3-4; 1844); *Nostrorum primus Maro non longe fuit a ueritate; [...] Sed hactenus de poetis. Ad philosophos ueniamus, quorum grauior est auctoritas, certiusque iudicium; quia non rebus commentitiis, sed inuestigandae ueritati studuisse creduntur.*

34 Agostinho questiona longamente a construção da *Eneida* em seu *A cidade de Deus*, como se pode observar na seguinte passagem: “Isto mesmo é confessado em Vergílio: (*Neptuno*) desejava destruir pela raiz as muralhas da / perjura Tróia construídas por suas próprias mãos. Assim tão grandes deuses — Neptuno e Apolo —, ignorando que Laomedonte lhes recusaria a recompensa, tornaram-se, para os ingratos, em construtores gratuitos da muralha de Tróia. Vejam se não será mais grave acreditar em tais deuses do que a tais deuses prestar falso juramento. O próprio Homero — que nos apresenta Neptuno a combater contra os Troianos e Apolo a seu favor quando, segundo narra a fábula, ambos foram ofendidos pelo dito perjúrio — não acredita facilmente nisso. Se acreditam em fábulas não ponham como pretexto os perjúrios de Tróia ou então não se admirem de que os deuses tenham castigado os perjúrios de Tróia e tenham amado os de Roma.” (AGOSTINHO. *A cidade de Deus*, 3.2.3-4; 1996); [...] *quod apud Vergilium confitetur, Structa suis manibus periurae moenia Troiae. Nescientes igitur tanti dii, Neptunus et Apollo, Laomedontem sibi negaturum esse mercedem structores moenium Troianorum gratis et ingratis fuerunt. 4 Videant ne grauius sit tales deos credere quam diis talibus peierare. Hoc enim nec ipse Homerus facile credidit, qui Neptunum quidem contra Troianos, Apollinem autem pro Troianis pugnantem facit, cum illo periurio ambos fabula narret offensos. Si igitur fabulis credunt, erubescant talia colere numina; si fabulis non credunt, non obtendant Troiana periuria, aut mirentur deos periuria punisse Troiana, amasse Romana.* (AUGUSTINUS. *De Ciuitate Dei*, 3.2.3-4; 1928-29).

35 MASTRANGELO, Marc. “The decline of poetry in the Fourth-Century West”. *International Journal of the Classical Tradition*, 2009, p. 317-8.

o exemplo dessa transição da tradição filosófica pagã para as tradições patrísticas<sup>11</sup>.

Em meio a essa transição conflituosa, Juvenco se vale da *aemulatio* para dialogar com a tradição que o precede no gênero. Conforme aponta Paulo Sérgio de Vasconcellos<sup>12</sup>, quando discute a arquitextualidade proposta por Gérard Genette<sup>13</sup>, a adoção de um metro já inseriria um autor em uma tradição, de modo que poderia ser quase impossível que Juvenco fosse capaz de romper completamente com ela, ao mesmo tempo que não seria interessante que o fizesse se se considera que, segundo Franca Consolino<sup>14</sup>, seu poema seria uma forma de levar o Evangelho a uma elite intelectual que o rejeitava devido à linguagem empregada nas traduções disponíveis. Por conseguinte, dado esse público a que seu texto se dirigia – o qual seria versado nas diferentes práticas poéticas –<sup>15</sup>, o poeta recorre a processos de intertextualidade, os quais já são comuns na literatura anterior, ao considerar a excelência das obras anteriores, intentar sua superação e propor novos efeitos de sentido a esses textos<sup>16</sup>, o que se torna relevante quando se pretende ressignificar um gênero face à ameaça do Inferno. A esse respeito, Karla Pollmann considera que “ainda que [Juvenco] relativize a autoridade carismática de seus antecessores pagãos, ele não cria uma descontinuidade abrupta com essa tradição poética, mas agrega a ela por meio de emulação e aperfeiçoamento”<sup>17</sup>.

Juvenco fecha seu prefácio com uma inovação (25-7), enquanto a liga à tradição, ao atribuir a autoria do canto ao Espírito Santo que lhe auxilia, em situação semelhante à de Homero e as Musas, e faz referência ao rio Jordão, como já o fizera ao relacionar Homero com a fonte Esmirna e Virgílio com o rio Míncio. A ligação entre a água e a poesia é um tema frequente na literatura, conforme se pode observar em diversos exemplos da tradição, como na *Teogonia*, em que Hesíodo correlaciona diferentes fontes às Musas, inspiradoras do canto:

---

36 “Pagan literature could teach little about the avoidance of sin; only souls with knowledge of universal salvation history, buttressed by the orthodox faith, could accomplish this task. Early Christian poetic genres of biblical epic, hymns, and didactic epic took their cue from this transition from the pagan philosophical to the patristic traditions.” (Ibidem, p. 319-20).

37 VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*, 2001, p. 41.

38 GENETTE, Gérard. *Palimpsestos*, 2010, p. 13-4.

39 CONSOLINO, Franca Ela. “O Baixo Império e o Cristianismo”, 2006, p. 1077.

40 Ibidem, p. 1078.

41 VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*, 2001, p. 39

42 “Although [Juvenco] relativizes the charismatic authority of his pagan poetic predecessors, he does not create an abrupt discontinuity with the poetic tradition, but builds on it by way of emulation and amelioration.” (POLLMANN, Karen. *The Baptized Muse*, 2017, p. 225).

Pelas Musas do Hélicon começemos a cantar, / elas que o Hélicon ocupam, monte grande, numinoso, / em volta de fonte violácea com pés macios / dançam, e do altar do mui possante filho de Crono; / tendo a pele delicada no Permesseo banhado, / na fonte do Cavalo ou no Olmeio numinoso, / no cimo do Hélicon compõem danças corais / belas, desejáveis, e fluem com os pés<sup>18</sup>.

Entretanto, segundo Pollmann<sup>19</sup>, o simbolismo que correlaciona diretamente a poesia à água parte principalmente de Calímaco, o qual, em seu *Hino a Apolo*<sup>20</sup>, ao comparar grandes corpos de água – eleitos pela Inveja – com diminutos – preferidos por Apolo, dada a pureza de sua água –, teria se referido às inspirações, influências e prática poéticas de seus opositores em contraste com as suas<sup>21</sup>. Para Green<sup>22</sup>, a preferência de Calímaco por uma pequena fonte de água pura, a qual fora ampliada por Horácio<sup>23</sup>, é ressignificada por Juvenco, uma vez que o sacerdote propõe o banho da alma, como em um batismo, pelas águas do Jordão, um grande rio, para que, então, fosse capaz de narrar a vida de Cristo.

O prefácio de Juvenco foge ao modelo de abertura de epopéia quando comparado com a tradição, uma vez que não oferece apenas uma sinopse do que será narrado – o que aparece com muita brevidade –, mas apresenta, principalmente, uma espécie de justificativa para seu canto a partir da temática da imortalidade, que é importante o suficiente para ocupar a abertura do poema<sup>24</sup>. Quando se considera que Juvenco teria

---

43 μουσάων Ἑλικωνιάδων ἀρχώμεθ' αἰίδειν, / αἴθ' Ἑλικῶνος ἔχουσιν ὄρος μέγα τε ζαθέον τε / καί τε περὶ κρήνην ἰοειδέα πόσος' ἀπαλοῖσιν / ὄρχεῦνται καὶ βωμὸν ἐρισθενέος Κρονίωνος. / καί τε λοεσσάμεναι τέρενα χροά Περμησσοῖο / ἢ Ἴππου κρήνης ἢ Ὀλμειοῦ ζαθέοιο / ἀκροτάτῳ Ἑλικῶνι χοροῦς ἐνεποιήσαντο / καλοῦς, ἡμερόεντας: ἐπερρώσαντο δὲ ποσσίν. (HESÍODO. *Teogonia*, 1-8; 2013).

44 POLLMANN, Karen. *The Baptized Muse*, 2017, p. 226.

45 Como aparece em seu *Hino a Apolo*: “A Inveja, junto aos ouvidos de Apolo, secretamente, disse: / ‘Eu não admiro o cantor que não canta coisas tão grandes quanto o mar’. / A Inveja, Apolo chutou com o pé e disse isto: / ‘Intensa é a corrente do rio assírio, mas ela carrega, / muitas vezes, refugos de terra e muita coisa arrastada pela água. / Para Deo, as abelhas não trazem água de todo lugar, / mas esta pura e imaculada fonte pequenina / brota, elevada florescência, de sacra nascente.’ / Adeus, senhor! Que a Crítica vá para onde está a Inveja.” (CALÍMACO. “*Hino a Apolo*”, 105-112; 2012); Ὁ Φθόνος Ἀπόλλωνος ἐπ’ οὐατα λάθριος εἶπεν / οὐκ ἄγαμαι τὸν ἀοιδὸν ὃς οὐδ’ ὅσα πόντος αἰίδει. / τὸν Φθόνον ὠπόλλων ποδί τ’ ἤλασεν ὧδέ τ’ εἶπεν: / Ἀσσυρίου ποταμοῖο μέγας ῥόος, ἀλλὰ τὰ πολλὰ / λύματα γῆς καὶ πολλὸν ἐφ’ ὕδατι συρφετὸν ἔλκει. / Διοῖ δ’ οὐκ ἀπὸ παντὸς ὕδωρ φορέουσι Μέλισσαι, / ἄλλ’ ἦτις καθαρὴ τε καὶ ἀχράαντος ἀνέρπει / πίδακος ἐξ ἱερῆς ὀλίγη λιβάς ἄκρον ἄωτον. / χαίρε ἄναξ: ὁ δὲ Μῶμος, ἴν’ ὁ Φθόνος, ἔνθα νέοιτο.

46 WERNER, Erika. *Os Hinos de Calímaco*, 2012, p. 377-378.

47 GREEN, Roger P. H. “Juvencus”, 2006, p. 22.

48 Forte, limpo e semelhante a um rio puro, / verterá tesouros e abençoará o Lácio com rico discurso; *uemens et liquidus puroque simillimus amni / fundet opes Latiumque beabit diuite lingua* (HORACE. *Epistles*, 2.120-121; 1929).

49 GREEN, Roger P. H. “Juvencus”, 2006, p. 17.

sido o primeiro a utilizar os modelos de autores anteriores para narrar em forma épica um assunto cristão, a reflexão do poeta sobre sua prática e a oposição a esses modelos são necessárias, particularmente num contexto em que há o julgamento de seus pares e a ameaça do tormento eterno da alma no Inferno. Green<sup>25</sup> aponta que a escolha do poeta em escrever a respeito da fama na abertura de seu poema faz com que o lugar-comum de louvor ao governante seja deslocado para o final do texto, entretanto, cabe lembrar que essa abordagem também ocorre nas *Metamorfoses* de Ovídio, nas quais, inclusive, de modo semelhante ao que ocorre em Juvenco, também são tratadas em bloco as imortalidades do imperador, da obra e do autor<sup>26</sup>. Com o encerramento de seu prefácio com o banho de sua alma, Juvenco fechará essa porção de seu texto com a materialização da junção entre os dois mundos: conforme ocorre nos textos dos poetas anteriores, a epopeia terá sua invocação e o anúncio da matéria narrada, mas a intervenção divina da inspiração passa a ser de território cristão, inaugurando uma nova tradição.

### Referências bibliográficas

AGOSTINHO. *A cidade de Deus*: livros I a VIII. Tradução de J. Dias Pereira. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

AUGUSTINUS. *De Civitate Dei*. Edição de B. Dombart e A. Kalb. Leipzig: Teubner, 1928-29.

BEARD, Mary. *SPQR: uma história da Roma Antiga*. Tradução de Luis Reyes Gil. São Paulo: Planeta, 2017.

CALÍMACO. “Hino a Apolo”. Tradução de Erika Werner. In: WERNER, Erika. *Os Hinos de Calímaco: Poesia e Poética*. São Paulo: Humanitas, 2012. p. 230-236.

CARRUBA, Robert W. “The Preface to Juvenus’ Biblical epic: A Structural Study”. *The American Journal of Philology*, v. 114, n. 2, p. 303-312, 1993. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/295316?origin=JSTOR-pdf>. Acesso em: 30 mar. 2020.

CASTILLO BEJARANO, Miguel. “Introdução e notas”. In: JUVENCO. *História Evangélica*. Tradução para o espanhol de M. Castillo Bejarano. Madrid: Editorial Gredos, 1998.

CONSOLINO, Franca Ela. “O Baixo Império e o Cristianismo”. In: CITRONI, Mario et al. *Literatura de Roma Antiga*. Tradução de Margarida Miranda e Isaías Hipólito. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

---

50 Ibidem, p. 17.

51 Cf. nota 31.



- FLACCUS, Valerius C. C. *Valeri Flacci Setini Balbi Argonauticon Libri Octo*. Leipzig: Teubner, 1913.
- FLACO, Gaio Valério. *Cantos Argonáuticos*. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Lisboa: Centro de estudos clássicos e humanísticos, 2010.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Tradução de Cibele Braga et al. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.
- GREEN, Roger P. H. “Juvencus”. In: GREEN, Roger P. H. *Latin Epics of the New Testament: Juvencus, Sedulius, Arator*. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 1-134.
- HESÍODO. *Teogonia*. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.
- HIERONYMUS, S. Eusebius. “*Commentariorum in Euangelium Matthaei Libri Quattor*”. In: MIGNE, Jacques Paul (ed.). *Patrologiae cursus completus: series latina*. v. XXVI. Paris: Garnier, 1883.
- HIERONYMUS, S. *Eusebii Pamphili Chronici canones*. J. K. Fotheringham (ed.). Londres: Humphrey Milford, 1923.
- HIERONYMUS, S. “*De uiris illustribus liber ad Destrurn praefectum praetorio*”. In: MIGNE, Jacques Paul (ed.). *Patrologiae cursus completus: series latina*. v. XXIII. Paris: Garnier, 1883.
- HIERONYMUS, S. *Sancti Eusebii Hieronymi Epistulae*: pars 1 – Epistulae I-LXX, 1. ed. Viena; Leipzig: Hilberg, 1910.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Benvirá, 2010.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira; ensaio de Ítalo Calvino. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- HORACE. *Odes and Epodes*. Paul Shorey; Gordon J. Laing (ed.). Chicago: Benj. H. Sanborn & Co, 1919.
- HORACE. *Satires, Epistles and Ars Poetica*. H. Rushton Fairclough (ed.). Londres; Massachusetts: William Heinemann Ltd.; Harvard University Press. 1929.
- HORÁCIO. *Odes e Epodos*. Tradução de Bento Prado de A. Ferraz. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JUVENCO. “*Euangeliorum Libri Quattuor*”. In: OTERO PEREIRA, Eduardo. C. *Vetti Aquilini Iuenci Evangeliorum Libri Quattuor*: edición crítica. 2009. 651f. Tese (Doutorado em Filologia) – Departamento de Filología Clásica e Indoeuropeo, Facultad de Filología, Universidad de Salamanca, Salamanca, 2009. p. 8-453. Disponível em: <https://gredos.usal.es/handle/10366/19290>. Acesso em: 10 set. 2019.
- JUVENCO. *História Evangélica*. Tradução para o espanhol de M. Catillo Bejarano. Madrid: Editorial Gredos, 1998.
- JUVENCUS. C. *Vetti Aquilini Iuenci Libri Evangeliorum IIII*. Karl Marold (ed.). Leipzig: B. M. Teubner, 1886. Disponível em: <https://archive.org/details/cvettiaquilinii00juvegoog/page/n27/mode/2up>. Acesso em: 30 mar. 2020.

JUVENCUS. C. *Juvenus' Four Books of the Gospels: Evangeliorum Libri Quattuor*. Tradução para o inglês de Scott McGill. Abingdon: Routledge, 2016.

LACTANTIUS. *Divinae Institutiones*. Edição de Jacques Paul Migne. Paris: Garnier, 1844.

LUCANO. *Farsália*: cantos de I a V. Introdução, tradução e notas de Brunno V. G. Vieira. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

MASTRANGELO, Marc. "The decline of poetry in the Fourth-Century West". *International Journal of the Classical Tradition*, v. 16, n. 3-4, p. 311-329, set.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40388967>. Acesso em: 30 set. 2020.

OTERO PEREIRA, Eduardo. C. *Vetti Aquilini Iuenci Evangeliorum Libri Quattuor*: edición crítica. 2009. 651f. Tese (Doutorado em Filologia) – Departamento de Filología Clásica e Indoeuropeo, Facultad de Filología, Universidad de Salamanca, Salamanca, 2009. Disponível em: <https://gredos.usal.es/handle/10366/19290>. Acesso em: 10 set. 2019.

OVID. *Metamorphoses*. Hugo Magnus (ed.). Gota: Friedr. Andr. Perthes, 1892.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Paulo Farmhouse Alberto. 2. ed. Lisboa: Cotovia, 2010.

POLLMANN, Karen. *The Baptized Muse: Early Christian Poetry as Cultural Authority*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Fapesp, 2001.

VERGIL. *Bucolics, Aeneid, and Georgics of Vergil*. Edição de J. B. Greenough. Boston: Ginn & Co., 1900.

ZACHARIAS Chrysopolitanus. *In unum ex quatuor siue de concordia euangelistarum*. Marburgo: Eucharius Ceruicornus, 1535.

Submissão: 21/05/2020

Aceite: 20/09/2020

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2020.e73351>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0*

*Internacional.*